

Sobre a equitação terapêutica: Uma abordagem crítica

LEOPOLDO GONÇALVES LEITÃO (*)

1. INTRODUÇÃO

O Homem e o cavalo selvagem podem ter-se encontrado, pela primeira vez, durante uma caçada na Eurásia e em data bastante longínqua. Mamífero perissodáctilo do grego “dedos ímpares”, da família dos equídeos que na sua origem não ultrapassava trinta centímetros de altura, apresentava-se ágil mas pouco perigoso (Sevestre & Rosier, 1983). Desde essa altura, tem ocupado um lugar privilegiado na história da Humanidade, como comprovam inúmeras reproduções artísticas: pinturas rupestres, representações icónicas presentes em moedas, mosaicos helénicos, em esculturas no Templo de Zeus, entre muitas outras (Andronicos, Chatzidakis & Karageorghis, 1975; Baum, 1991 cit. in Schulz, 1997).

Um das vezes símbolo tradicional do desejo carnal, da identificação do ser humano aos instintos *animalescos* – ou vice-versa – outras, da sublimação e da imaginação criadora, foi-se constituindo como um importante legado cultural e “terapêutico”, pelo menos, desde a Antiguidade Clássica.

Mas, foi somente no período Pós-Moderno, mais concretamente no século XX, que se assistiu a uma rápida propagação do investimento empírico, em torno da equitação na sua vertente supostamente

curativa. Este crescente interesse, por parte de diferentes profissionais (médicos, fisioterapeutas, psicólogos, educadores, terapeutas da fala e ocupacionais, etc.) em diversos países, veio permitir começar a conhecer cientificamente esta intervenção, cada vez mais abrangente e fidedigna, que progressivamente foi alargando o seu raio de acção, deixando de estar centrada apenas no domínio da reabilitação de *handicaps* físicos, para passar a integrar o domínio da psicologia e mais concretamente da psicopatologia (Copeland-Fitzpatrick & Tebay, 1998).

Deste modo, a consecução de uma sistematização que articulasse as diferentes terapias que a Equitação Terapêutica podia proporcionar foi-se tornando cada vez mais premente, resultante da necessidade que a comunidade científica sentiu – e vem sentindo – em criar referências sólidas, organizadoras do seu conhecimento e orientadoras da sua conduta. Só assim se tornaria possível delinear intervenções que tivessem em linha de conta as diferentes populações e suas necessidades, permitindo actuar de forma consciente, consistente, segura e eficaz.

Decorrente desta necessidade, o modelo europeu surge na década de 1970 com um carácter pioneiro e de transição para diferentes modelos e intervenções em diversos países e continentes. A trilogia que prevê – a saber, a Hipoterapia (clássica); o *Remedial Educational Vaulting/Riding* (REV/R) ou Equitação Psico-Educacional (EPE); e a Equitação Desportiva/Recreativa Adaptada –, posteriormente adoptada pela Federation of Riding for the Disabled

(*) Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Membro da equipa técnica da Federação Equestre Portuguesa para a área da equitação terapêutica. E-mail: lgleitao@netcabo.pt

International (FRDI, 2001), passa a orientar muitos dos trabalhos (Englisch, 1994; Tyler, 1994; Garrigue, Moutiez & Galland, 1994; Haydon, 1997; Longden, 1997; Haddock, 1997; Schulz, 1997; Citterio, 1997; Copeland-Fitzpatrick & Tebay, 1998; Brasic, 1998; Santos, 1999; Freire, 2000; Garnier, 2000; Prins, 2000; Karol, 2000; FRDI, 2001; Bougard & Roblin, 2003; Leitão, 2003b; Leitão, 2004; Macauley, 2006) que, apesar das suas limitações metodológicas, contribuem para um conhecimento científico desta intervenção médico-psicológica e educacional, cuja identidade, credibilidade e validade científica, têm estado continuamente ameaçadas.

Visivelmente, várias populações têm beneficiado com esta intervenção singular – nas suas diversas vertentes – nomeadamente, indivíduos com diferentes incapacidades, perturbações e idades: *handicaps* físicos, desde a paralisia cerebral até lesões acidentais; *handicaps* sensoriais como a surdez e a cegueira; perturbações globais do desenvolvimento como o autismo, o síndrome de Asperger, etc.; perturbações da comunicação; deficiência mental; perturbações disruptivas do comportamento e do défice de atenção; psicopatologia do humor e dos afectos; perturbações de personalidade; entre outras.

Latu sensu podemos ainda sublinhar alguns dos inúmeros benefícios que esses e muitos outros trabalhos, desta última década, distinguem, designadamente ao nível: da mobilidade das articulações, equilíbrio e coordenação; do relaxamento da espasticidade; do aumento da força muscular; do aumento da auto-estima; da aprendizagem, concentração e conhecimento espacial; da comunicação e da linguagem; da motivação, do fazer e do alcançar metas; da confiança, independência e autonomia; da frequência de comportamentos agressivos; do relacionamento sócio-afectivo.

É, portanto, neste contexto que surge o presente trabalho. A Equitação Terapêutica apresenta um percurso histórico interessante, complexo e controverso, habitualmente relatado de uma forma que nos parece difusa, imprecisa e por vezes contraditória. Tentaremos, por isso, apenas elucidar acerca da nossa perspectiva histórica e epistemológica com base nos elementos que nos pareceram mais credíveis, coerentes e consensuais.

Pensamos que uma reflexão acerca dos fundamentos históricos, das potencialidades e fragilidades das diferentes abordagens, do lugar de algumas disciplinas como a medicina e a psicologia (nas suas diferentes vertentes) poderá permitir-nos compre-

ender melhor a magnitude da Equitação Terapêutica e o seu enquadramento no actual contexto internacional.

2. RECENSÃO TEMÁTICA

2.1. História e Evolução

O primeiro encontro do Homem com o cavalo selvagem deverá ter acontecido na **Pré-história** – período paleolítico (de 3.5 milhões a.C. a 10.000 a.C.). Desde aí, e em todas as épocas da História, o cavalo tem desempenhado um importante papel no universo relacional quotidiano do Homem. Companhia do homem na paz, na guerra, na caça, nos jogos, na agricultura, nos transportes e nas comunicações, no desporto (Sevestre & Rosier, 1983), estabeleceu com ele uma vinculação psico-física a que muitos atribuíram um sentido educativo, pedagógico, terapêutico (tanto a nível físico como psicológico) e recreativo/desportivo (Freire, 1999).

De acordo com a ANDE-BRASIL¹ (1992, cit. in Freire, 1999; ANDE-BRASIL, 2004), são vários os exemplos que, desde a **Antiguidade Clássica** até à Idade Contemporânea, podem ser nomeados. Hipócrates (458 a.C.-370/351 a.C.), “Pai da Medicina” ocidental, ao indicar a equitação para a regeneração da saúde, do bem-estar, no tratamento da insónia e para preservar o corpo humano de doenças, determinou os primórdios da intervenção que actualmente se designa por Equitação Psico-Educacional (Deutsches Kuratorium für Therapeutisches Reiten² – D.K.Th.R., 2004). Em 124 a.C., o médico grego Asclepiades da Prússia, indicou a equitação como terapia para pacientes caquéticos, gotosos, epiléticos, paralíticos, apopléticos, letárgicos, frenéticos, e também para os acometidos de febre terçã. Galeno (130-199 d.C.) recomendava a prática equestre, como forma de fazer com que o imperador Marco Aurélio decidisse com mais rapidez.

¹ Associação Nacional de Equoterapia, organização fundada em 1989 e que regulamenta o uso terapêutico do cavalo no Brasil – membro da Federation of Riding for the Disabled International (FRDI).

² Kuratorium Alemão de Equitação Terapêutica, organização fundada em 1970 e que regulamenta o uso terapêutico do cavalo na Alemanha – membro da FRDI.

Na **Idade Média**, os árabes fizeram inúmeras referências aos benefícios da equitação e já no início do século XIV, Cesare Borgia afirmava que quem desejasse conservar uma boa forma física, deveria cavalgar.

Abandonada por muitos anos, tal prática *terapêutica* veio a ser retomada durante a **Idade Moderna**. O médico Mercurialis, em 1569, na sua obra “De Arte Gymnastica” menciona uma observação feita por Galeno de acordo com a qual a equitação exercita não só o corpo, mas também os sentidos.

Entre 1600 e 1800, a equitação era vista como benéfica no alívio da gota, no tratamento da tuberculose, influenciando o metabolismo, aumentando a força física, ajudando a problemas psicológicos, melhorando o bem-estar geral do corpo e da alma (Engel, 1992 cit. in Erik, 2002). Em 1676, Thomas Syndehan, capitão de cavalaria, em “Observationes Medical” defenderia as vantagens desta actividade para fortificar e reanimar o sangue e a mente. Aconselhava-a como o tratamento ideal para a tuberculose, cólicas biliares e flatulência. Em 1681, no seu livro “Tractatus de Podraga”³, aconselhava a prática assídua do desporto equestre. Em 1719, Friedrich Hoffman ensinava como uma pessoa podia manter a saúde e livrar-se de graves doenças através da prática racional de exercícios físicos a cavalo. No ano de 1747, o médico alemão Samuel T. Quelmalz, na sua obra “A saúde através da equitação”, faz a primeira referência literária ao movimento tridimensional do dorso do cavalo, isto é, aos diferentes deslocamentos – para a frente e para trás, para cima e para baixo e, para os lados – que, ao caminhar, proporcionam ao paciente uma variada gama de estímulos sensoriais (Cirillo, 2002). Em 1782, J. C. Tissot descreveu pela primeira vez, as contra-indicações da prática excessiva da equitação e refere o passo como o andamento mais eficiente, sob o ponto de vista terapêutico. Goethe reconheceu o valor salutar das oscilações do corpo acompanhando os movimentos do animal, a distensão benéfica da coluna vertebral, determinada pela posição do cavaleiro sobre a sela e a estimulação da circulação sanguínea.

2.1.1. Idade contemporânea

Por volta de 1930, os países anglo-saxónicos e

os escandinavos foram os primeiros a promoverem o desenvolvimento de estudos sobre a equitação (Freire, 1999). No entanto, enquanto nalguns países este desenvolvimento foi originário da modalidade desportiva de *Dressage* (Ensino), noutras, como na maioria dos de língua inglesa, resultou principalmente da equitação recreativa e do *Cross-country* (Corta-mato). Nos países Escandinavos, a equitação desportiva e a competição estiveram no centro do desenvolvimento da equitação terapêutica. O sucesso de Liz Hartel (Hartel, 1989), uma dinamarquesa vítima de poliomielite, é um exemplo paradigmático. Ao ganhar uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Helsínquia, em 1952, e em Melbourne, em 1956, na modalidade de *Dressage*, suscitou o interesse da classe médica e deu ímpeto à moderna conceptualização da equitação, enquanto terapia adjuvante da reabilitação, principalmente na sua vertente médica, mas também psicológica (Copeland-Fitzpatrick & Tebay, 1998; Klüwer, 2001; ANDE-BRASIL, 2004).

Mas foi a partir de 1960, em particular, que a Equitação Terapêutica ganhou, em muitas nações europeias, uma força crescente resultante do reconhecimento científico das qualidades terapêuticas que o cavalo tem para o corpo e mente humanas (Copeland-Fitzpatrick & Tebay, 1998; FRDI, 2006). Na Alemanha, e em torno de 1970, experiências médicas pioneiras orientaram, no seu sentido mais científico, esta actividade, dando origem a uma especialidade que viria a ser designada por Hipoterapia (fisioterapia que utiliza o passo do cavalo como função de terapia) e que contribuiu de forma decisiva para a compreensão sobre a importância da dimensão auto-experiencial, fornecida através do diálogo do corpo entre os dois seres vivos. A constatação, *a posteriori*, que esta dimensão poderia beneficiar todos os pacientes que não necessitassem de fisioterapia, acarretou, neste país, sucessivas investigações sistematizadas no âmbito da psiquiatria da criança e do adulto, conduzindo a uma perspectiva psico-educacional.

Em 1970, o modelo proposto pelos germanos já delineava três áreas terapêuticas (integrando a medicina, a psicologia e a educação, e o desporto) que foram atraindo cada vez mais profissionais, até aos dias de hoje: médicos, fisioterapeutas, psicólogos, educadores especiais, terapeutas ocupacionais, terapeutas da fala, profissionais de reabilitação ou psicomotricidade, entre outros (Schulz, 1997; Klüwer, 2001). Este modelo veio fomentar, de um modo determinante, o treino universitário formalizado

³ “Tratado Sobre a Gota”.

e o investimento empírico, gerador de trabalhos técnicos difundidos ao longo da Europa, Canadá e Estados Unidos, que vieram fortalecer as fundações deste campo e ajudar a assegurar a sua diversidade e viabilidade futuras (Spink, 2000).

2.1.2. Os congressos internacionais de Equitação Terapêutica

Os congressos internacionais realizados desde 1974, de três em três anos, em diferentes países, surgiram desta necessidade de divulgação e foram conseguindo a adesão de um número, cada vez maior, de especialistas interessados em conferir um estatuto científico a esta modalidade terapêutica (Klüwer, 1994, 2001; FRDI, 2006). A sua sistematização, de grande importância no que concerne não só à sua prática como também a financiamentos e orientação em métodos de investigação, não deixou de ser uma preocupação central protagonizada até ao início da década de 1990 e testemunhada em algumas destas conferências.

Em 1976, no II Congresso, aparece, pela primeira vez, o termo suíço *Hipoterapia*, usado em associação com problemas médicos (ortopédicos, neurológicos e psiquiátricos), bem como a designação de *Equitação Terapêutica*⁴ (Kluwer, 1994; 2001). Esta passou então a ser usada para descrever todos os possíveis usos terapêuticos do cavalo (Copeland-Fitzpatrick & Tebay, 1998). “Hoje em dia, devemos entendê-la como uma área de intervenção terapêutica que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nos planos da saúde e do desporto, na procura incessante do bem-estar físico, psíquico e social de indivíduos portadores de deficiência e/ou com necessidades especiais” (Leitão, 2004, p. 28).

Em 1982, no IV Congresso, a Equitação Terapêutica⁵ passou a abranger e a descrever três disciplinas distintas – a Hipoterapia; a Equitação Psico-Educacional; e a Equitação Desportiva Adaptada – de acordo com as diferentes possibilidades que o uso terapêutico do cavalo poderia oferecer (Kluwer, 1994, 2001). A constituição de um organismo internacional que representasse e regulamentasse a

⁴ Que a ANDE-BRASIL designa por Equoterapia.

⁵ Este processo de especialização continua, com ênfase nos trabalhos da última década, em torno da psiquiatria e da psicoterapia (Kluwer, 1994, 2001).

Equitação Terapêutica, desenhava-se, agora, como cada vez mais premente. A sua constituição foi um processo lento e progressivo, condicionado pelos imperativos da lei internacional, com início no congresso de 1985 e o culminar em Dezembro de 1990, sob a denominação *Federation of Riding for the Disabled International* (FRDI) (Klüwer, 2001).

Depois de 1988, a investigação científica, com particular destaque e incidência para a Hipoterapia, assumiu uma dimensão inédita (Kluwer, 1994). A década de 1990 revelou uma grande evolução relativamente ao papel da psicologia, em particular da psicoterapia, no seio da Equitação Terapêutica, testemunhada principalmente nos trabalhos apresentados no VIII (1994), no IX (1997) e no X (2000) Congresso (Kluwer, 1994, 2001). Permitem observar ainda uma crescente preocupação na definição dos limites de cada especialidade, sendo os nomes Hipoterapia e Equitação Psico-Educacional, usados cada vez menos de forma arbitrária.

A grande maioria dos trabalhos destes congressos contempla uma abordagem eclética (que intersecta diferentes áreas do conhecimento: o desporto, a medicina, a etologia, a psicologia nas suas diferentes vertentes, a fisioterapia, a psicomotricidade, etc.) onde a psicologia, principalmente quando associada à Hipoterapia ou à Equitação Desportiva Adaptada, ganha visibilidade a partir do paradigma cognitivo-comportamental (Dixon-Clegg & Nelson, 1994; Watts, 1994; Longden, 1994; Fitzpatrick, 1994; Morin & Carrasco, 1994; McGibbon, 1994; Webb, Deans, Jeffries & Surgenor, 1997; Haydon, 1997; Longden, 1997; Haddock, 1997; Brown, 1997; Citterio, 1997; Quinet, 2000; Robert, 2000; Mattila-Rautainen, 2000; Rowe, 2000; Isoni, 2000).

No VIII Congresso, os autores franceses (Darques, 1994; Garrigue, Moutiez & Galland, 1994), alemães (Scheidhacker, 1994; Schulz, 1994a, 1994b; Kluwer, 1994; Koch, 1994; Englisch, 1994; Gehrke, Kaune & Urvat, 1994) e belgas (Preat & Jaroszewicz, 1994a, 1994b) ocuparam-se essencialmente da prática da Equitação Psico-Educacional, fortemente influenciados pelo paradigma psicanalítico. Pela primeira vez surgiram dois trabalhos na área da psicoterapia: a autora australiana Kerry Johnston (1994) que apresentou um trabalho sobre musicoterapia, e a autora americana Barbara Rector (1994) que expôs a sua prática inspirada pela teoria dos arquétipos de Jung.

No congresso de 1997 assistiu-se a uma proliferação em primeiro lugar, da psicanálise e da “psi-

cológia analítica” (teoria dos arquétipos de Jung), seguida das teorias sistémicas e da terapia bioenergética, do psicodrama e, por fim, de uma forma mais discreta, das terapias cognitivo-comportamentais, enquanto orientadoras das intervenções psicoterapêuticas (Scheidhacker & Fischer, 1997; Schulz, 1997; Strausfeld, 1997; Mehlem, 1997; Darques & Bailly, 1997; Preat & Meurisse, 1997; Hauser, 1997).

A utilização do cavalo, como elemento facilitador de uma psicoterapia (*Equine Facilitated Psychotherapy*), assumiu no congresso seguinte um destaque único. A psicanálise esteve presente nos trabalhos apresentados pela maioria dos autores franceses (Garnier, 2000; Prins, 2000; Darques, 2000; Scheidhacker, 2000; Calba, 2000; Jacquelin, 2000), seguida da bioenergética, de orientação psicanalítica (Boon-Thiel, 2000; Shpitsberg, 2000; Monnié, 2000; Melhem, 2000), da sistémica (Auriol-Jollinier, 2000; Hauser, 2000) e da existencialista (Hauser, 2000; Prins, 2000).

Relativamente ao XI Congresso, os trabalhos apresentados sugerem um aumento de uma preocupação generalizada relativamente à apresentação de estudos científicos e uma maior implicação de profissionais de saúde e de universidades. Destacam essencialmente, a Hipoterapia associada à medicina, à fisioterapia e por vezes à neuropsicologia (Bougard & Roblin, 2003; Debuse, 2003; Futó, 2003; Hanusovka, 2003; Tillberg, 2003; entre outros) como a intervenção de eleição. A educação, a psicologia e o desporto (Adams, 2003) aparecem mais discretos relativamente ao último congresso. Ainda assim, as intervenções psicoterapêuticas de orientação psicanalítica e humanista merecem algum destaque (Ribeiro, 2003; Weith, 2003).

Nos últimos anos, a comunidade científica tem vindo a dar relevo ao paradigma psicológico, tal como ficou demonstrado no XII Congresso, realizado em Brasília (2006). Na generalidade, os trabalhos empíricos apresentados vieram ilustrar uma abordagem mais exigente, ao nível do rigor científico, quer prático quer teórico, e um maior compromisso, por parte dos profissionais da saúde e da educação, para com os técnicos de equitação. Neste congresso, a psicologia “reaparece”, explicitamente, muito bem representada em quase metade das comunicações orais e em muitos dos posters apresentados. Deste modo, foram vários os contributos científicos no âmbito: da psiquiatria (Rapenne & Toniolo, 2006; Toniolo & Rapenne, 2006); da psicanálise (Lauhirat, 2006); da psicoterapia de inspiração psicanalítica

(Mehlem, 2006; Lieshout, 2006); da psicopatologia (dinâmica) (Walter, 2006; Hesse, 2006); da psicologia da Gestalt (Leandrin, 2006), existencial (Arruda, 2006), geriátrica (Bueno et al., 2006), da saúde (Cudo, 2006) e integrativa (Riveros, 2006); e da psicopedagogia (Mota, 2006; Thiel, 2006). Ainda assim, as restantes investigações, apesar de se centrarem, noutras áreas – como a neurologia, a neuromotricidade, a psicomotricidade, a fisioterapia e a fisioterapia (Santos et al., 2006; Rocha, 2006); a terapia da fala (Neves & Garrigue, 2006; Macauley, 2006a; Macauley, 2006b) e a reabilitação motora e psíquica (Manzolin, 2006; Antonella, 2006) – não descuraram, implicitamente, a importância da participação de algumas variáveis psicológicas, nomeadamente: comportamentais, cognitivas, emocionais, sócio afectivas, educativas e morais. Finalmente, a área do desporto também surge (Ruiz, 2006; Gonçalves et al., 2006; Onofri, 2006), embora com uma representação mais diminuta.

2.2. Modelos de Intervenção

2.2.1. O modelo alemão

Originário da década de 1970, foi aprovado no IV Congresso Internacional de Equitação Terapêutica, em 1982, em Hamburgo (FRDI, 2006), passando a ser, desde aí, referenciado largamente tanto na Europa como no continente americano. O modelo vem sublinhar a vertente técnico-científica e contemplar três áreas distintas (saúde, educação e desporto) onde se inscreveram as três disciplinas – que muitas vezes se intersectam – que agora passamos a descrever:

- a) a **Hipoterapia** clássica – reflecte o modelo alemão de hipoterapia praticado vastamente em toda a Europa desde 1960/70 e refere-se principalmente a uma forma *passiva* de Equitação Terapêutica: o paciente montado acomoda-se aos balanceamentos provenientes do movimento tridimensional do dorso do cavalo (Kuprian, 1989). O terapeuta promove apenas o diálogo interactivo cavalo-paciente (sem que este precise de controlar o cavalo).

Centrada na recuperação de competências que permitam a reintegração do paciente a dois níveis – trabalho e vida social – está direccionada para o domínio da **medicina física e de reabilitação**⁶. Enquanto actividade individual, não encara como

objectivo principal o ensino da equitação. Pretende habilitar ou re-habilitar o paciente de modo a que este possa voltar a uma vida produtiva e confortável. Assim, intervém ao nível do alívio da dor e da funcionalidade motora, e pretende melhorar ou manter aspectos como a força muscular, a mobilidade, a capacidade respiratória, a circulação, a coordenação muscular, relaxar músculos tensos, corrigir posturas defeituosas, etc.

Sendo assim, deve ser entendida como um procedimento médico, desenvolvido por uma equipa interdisciplinar de técnicos de saúde, dirigida por um fisiatra que delinea e supervisiona cada intervenção, utilizando essencialmente o passo do cavalo como instrumento cinesioterapêutico (Kuprian, 1989). Desta equipa devem ainda constar, entre outros: o fisioterapeuta, que executa o programa de reabi-

litação (pondo em prática um conjunto de técnicas adequadas); um psicólogo, enquanto “contentor” do sofrimento do paciente e da família, e elemento de ligação entre os intervenientes internos e externos à equipa (Pires & Silva, 1999); terapeutas, respiratório e da fala; terapeutas ocupacionais; assistentes sociais e a comunidade desempenham um papel vital na reintegração social do paciente. Um monitor/instrutor de equitação e um cavalo treinado para o efeito são elementos de capital importância para o sucesso da intervenção.

- b) a **Equitação Psico-Educacional (EPE)**⁷ – de acordo com Kröger (1989; D.K.Th.R., 2004), pai desta disciplina, a EPE surge inicialmente para dar resposta à problemática social de crianças com perturbações ao nível do comportamento. Kröger (1989) aconselha a sua prática com base na **proposta psicoterapêutica⁸ não-directiva de filiação existencial**, de Carl Rogers. Esta posição pauta-se por um claro investimento na importância da qualidade da relação estabelecida e uma recusa em imprimir no *cliente* uma direcção qualquer, confiando na sua capacidade de auto-direcção. Como tal, Kröger (1989) refere que, durante a sessão, o terapeuta raramente deve corrigir o mau comportamento da criança já que o cavalo facilitará imediatamente, através das suas reacções, o *insight* necessário para que tal aconteça.

A EPE preocupa-se em alcançar objectivos específicos, baseados nas necessidades precisas de cada indivíduo, sejam elas de ordem psicológica e/ou educacional, e usufrui da experiência pessoal que o cliente adquire a passo, a trote e a galope (Leitão, 2004). Crianças, adolescentes e adultos

⁶ Devendo esta entender-se, no seu sentido mais amplo, como um processo que tem como objectivo reduzir a prevalência dos defeitos residuais causados por uma doença ou perturbação mental, de modo a permitir alcançar e manter um grau mais elevado de funcionalidade, física, sensorial, intelectual, psíquica e/ou social, dotando as pessoas dos meios necessários para a conquista de uma maior independência/autonomia (Caplan, 1964 cit. in Smith, Schwebel, Dunn & McIver, 1993; Elpers, 1995; Paula Zêzere, 2003), restaurando o significado das suas vidas e das suas capacidades para *estar-com* os outros (Teixeira, 1999) e consigo próprios.

Para que possamos aumentar a probabilidade de alcançar estes objectivos com sucesso, consideramos importante salientar a necessidade de mantermos presentes algumas das principais razões pelas quais a reabilitação é muitas vezes dificilmente implementada ou bem sucedida, nos diversos programas de intervenção, designadamente em saúde mental:

- a contração, por parte de muitos profissionais, na procura e na identificação de sintomas e síndromas, limita substancialmente a identificação dos recursos e dos potenciais do paciente, subestimando a capacidade do paciente para a reabilitação;
- a vasta maioria dos profissionais interessados em reabilitação está geralmente interessada na reabilitação física e detém poucos conhecimentos sobre as necessidades das pessoas com doença mental;
- a dificuldade frequente dos profissionais para concordarem com os objectivos da reabilitação, que podem ir desde a completa restauração do funcionamento a uma melhoria limitada na capacidade do doente para se auto-cuidar;
- a desmotivação/frustração dos técnicos face às dificuldades continuadas que vão encontrando (Lieberman, Vaccaro & Corrigan, 1995; Elpers, 1995).

⁷ Designação comumente utilizada nos Estados Unidos da América. Na Europa, em particular na Alemanha, utiliza-se principalmente a expressão *Remedial Educational Vaulting and Riding* (REV/R) para designar a mesma intervenção (Brown, Tebay & Kluwer, 1994).

⁸ Psicoterapia: método de tratamento psicológico das perturbações psíquicas ou corporais, que utiliza como meio terapêutico a relação entre o terapeuta e o paciente. A hipnose, a sugestão, a reeducação psicológica, a persuasão, a psicanálise e todos os métodos terapêuticos, próprios da história da psiquiatria dinâmica, estão incluídos na noção de psicoterapia (Laplanche & Pontalis, 1998; Roudinesco & Plon, 2000).

são vistos numa perspectiva holística (do ponto de vista físico, psíquico e social), podendo encontrar benefícios diversos nesta actividade de grupo (com um número máximo variável até seis elementos consoante a experiência do terapeuta e/ou o grau de severidade da patologia) ou individual (Kröger, 2000).

Os instrutores de equitação trabalham numa relação estreita com pedagogos, técnicos de educação especial, psicólogos, psicoterapeutas, terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais e outros técnicos, para definir e redefinir estratégias (programas adequados). Os exercícios da equitação desportiva normal são transformados e adaptados tendo em conta as necessidades de cada um, promovendo o desenvolvimento, o bem-estar, a auto-estima, a construção de um sentimento de confiança, comportamentos desejados, a atenção, a concentração, a tolerância para com a frustração, a mobilização de recursos, a iniciativa, o auto-controlo, a construção de amizades, o respeito pelo outro, etc.

Para Leitão (2004), e numa abordagem dinâmica da psicologia infantil, a EPE é, por excelência, uma **terapia pela relação** que valoriza a desorganização do paciente (reconhecendo os seus aspectos positivos), aproveita e reforça as suas competências, os seus talentos, tendo como aliado o cavalo, no diálogo com as figuras parentais. É uma relação de permanente confiança e empatia; de uma compreensão incondicional (Racker, 1960 cit. in Leitão, 2003a, 2003b). É uma relação vivida e construída principalmente com a criança, mas também com os seus pais e com o cavalo (enquanto catalizador e harmonizador de uma relação terapêutica da qual faz parte).

Constata-se, desta forma, o surgimento de um cenário relacional-emocional complexo, centrado principalmente em duas “novas relações” (terapeuta↔criança↔cavalo) que se constituem como parte integrante de um **núcleo interventivo transformador** (da criança e da sua relação com a sua família) no qual a criança acaba, em parte, também por se incluir. Deste modo, também ela intervém no seu próprio processo de mudança. Ao adquirir e mobilizar recursos internos que lhe permitam fazer face às novas experiências, ao mudar, introduz elementos novos na sua relação com os pais, contribuindo activamente para a mudança dessa relação primordial, potencializando-a e promovendo, ainda que indirectamente, o seu próprio desenvolvimento e amadurecimento, nas suas diferentes vertentes:

sócio-afectiva, cognitiva, comportamental, moral, etc. (Leitão, 2004).

Também outros autores se aproximam desta abordagem. Para Schulz (1997), Kröger (2000), Engel (2000) e também para o D.K.Th.R. (2004), o conceito de *Remedial Education* (do alemão, Heilpädagogik) deve traduzir uma intervenção eminentemente psicoterapêutica e também reabilitativa, centrada nas perturbações mentais, emocionais ou comportamentais, resultantes ou não, de deficiência física. Por outro lado, Tyler (1994), por exemplo, encara esta modalidade terapêutica de uma forma menos abrangente, isto é, apenas como um complemento criativo que serve de catalizador para as psicoterapias de *setting*.

Independentemente da controvérsia, o psicoterapeuta, no *setting* da EPE, deverá aproveitar os procedimentos e as técnicas adequadas, em conformidade com a sua orientação teórica e prática, que pode ser diversa, designadamente: psicanalítica (Ribeiro, 2003; Calba, 2000; Jacqueline, 2000; Scheidhacker & Fischer, 1997); existencial (Weith, 2003); bioenergética (Melhem, 2000; Monnié, 2000; Shpitsberg, 2000; Melhem, 1998); de grupo, de orientação psicanalítica (Scheidhacker, 2000); familiar (Strausfeld, 1998); Gestalt, de base existencial (Wecker-Gutmann, 1998); eclética (Barrey, 2000); etc.

c) a **Equitação Desportiva/Recreativa Adaptada**

– embora o valor do desporto e do exercício físico tivessem sido sempre reconhecidos desde a Antiguidade Clássica, só no século XX é que a **medicina do desporto** assumiu as preocupações científicas devidas a esta modalidade (Heipertz, 1989).

Os seus efeitos sanígenos fazem do desporto também uma ferramenta essencial na reabilitação de adultos, e no desenvolvimento e na educação de crianças e jovens portadores de diferentes deficiências físicas e/ou psíquicas. Assim, beneficia estas pessoas, encorajando-as a tornarem-se activas, a melhorarem as suas capacidades psico-físicas e a integrarem-se socialmente.

Nesta modalidade, que requer uma maior autonomia por parte do cavaleiro do que nas duas anteriores, o foco da intervenção não é a deficiência (Heipertz, 1989). Trabalha-se para desenvolver competências equestres, em populações com dificuldades especiais, no passo, no trote e no galope. Os objectivos são vários: a obtenção do simples prazer de montar a cavalo, o melhoramento ou a manutenção da forma

física, o aumento da auto-estima, a competição (Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes – FPDD, 2006). É uma actividade de grupo, equipa ou individual.

2.2.2. O modelo norte-americano

Tal como em outros países e continentes, as primeiras décadas da *Equitação Terapêutica* nos Estados Unidos, também foram caracterizadas por entusiasmo, crença, dedicação e devoção, assentes num corpo teórico e prático, mal estruturado e cheio de limitações. A sua prática centrava-se mais no âmbito recreativo e desportivo do que como actividade terapêutica (Spink, 2000).

No século XX, nos finais da década de 1970, vários terapeutas, incluindo Barbara Glasow – uma fisioterapeuta que estudou Hipoterapia na Alemanha – começaram a influenciar, lentamente, a concepção da Hipoterapia americana (Engel, 1992, cit. in Erik, 2002) e a encarar a Equitação Terapêutica, na América, enquanto matéria científica.

O modelo alemão e uma análise comparativa, conduzida em 1982 a distintas metodologias de intervenção, vieram contribuir de forma decisiva para promover a estruturação de programas de treino e de competência profissional, tanto no continente europeu como no continente americano. A crescente exigência de programas certificados no uso do cavalo para fins médicos, psicomotores e educativos, a necessidade de credibilidade e de investigações científicas centradas na aplicação terapêutica do cavalo, tornara-se então imperativa nos Estados Unidos (Spink, 2000).

Deste modo, sustentado no paradigma dominante, o modelo foi ajustado a novas realidades. Surge a **Terapia Assistida por Equinos**⁹. É um termo abrangente que cobre um largo espectro de actividades – que aproveitam as qualidades terapêuticas do cavalo – conduzidas tanto com o paciente montado como apeado (Heine & Schulz, 2006). É uma abordagem caracterizada por um ponto de vista holístico (a pessoa é vista na sua totalidade) e interdisciplinar, com o objectivo de melhorar a qualidade de vida de crianças e adultos com necessidades especiais. O cavalo, enquanto recurso terapêutico, apresenta

diferentes oportunidades para trabalhar de forma orientada de modo a que se possam ultrapassar problemas físicos, psicológicos (cognitivos, afectivos, comportamentais), educacionais e sociais.

Nela, inscrevem-se intervenções como a **Hipoterapia Americana** – comparativamente com a Hipoterapia clássica detém um sentido mais lato, adopta métodos de tratamento mais activos e abrange um maior número de profissionais – e a **Equitação Terapêutica Desenvolvidor (ETD)** (Heine, 2000; Engel, 1992, cit. in Erik, 2002).

Jan Spink desenvolveu esta última técnica, no final de 1980, para fazer face aos insucessos encontrados no decurso de algumas outras modalidades terapêuticas. Assim, começou por combinar os princípios do movimento da Hipoterapia com seqüências e posições desenvolvimentais (exercícios de volteio), visando promover o desenvolvimento sensorio-motor, cognitivo e afectivo de clientes que experimentavam défices especiais nas áreas da aprendizagem, da linguagem, do comportamento, da atenção, da integração sensorial e da percepção visual. Em 1987, o primeiro projecto desta abordagem centrou-se no desenvolvimento e na testagem de metodologias e técnicas no tratamento de clientes com perturbações ao nível do sistema nervoso central (Spink, 2000; Erik, 2002).

Alguns dos elementos fundamentais e distintivos desta intervenção testemunham uma influência filosófica fenomenológico-existencial. Define-se por: ser uma actividade individual ou de pares; consistir numa perspectiva holística do cliente, que utiliza um método de tratamento simultaneamente físico e psicológico; ser uma terapia *centrada no cliente*; utilizar posições desenvolvimentais; preocupar-se com o desenvolvimento das relações entre o *cliente*, o terapeuta e o cavalo; prever um ensino selectivo de competências equestres; o terapeuta demonstrar um julgamento clínico rigoroso, uma formação graduada (numa das seguintes áreas: psicomotricidade/reabilitação; educação especial com treino em abordagens do movimento; educação, clínica, psicologia de aconselhamento – *counseling* – ou neuropsicologia e/ou técnicas de assistência social, com treino em abordagens do movimento; terapia da fala; e terapia ocupacional) e um forte passado equestre (Heine, 2000; Spink, 2000; Erik, 2002).

A Equitação Terapêutica Desenvolvidor ainda pode ser entendida de duas formas: como um complemento à Hipoterapia ou uma fase de transição necessária entre esta técnica médica específica e o trabalho

⁹ Equine-Assisted Therapy (EAT).

de grupo que caracteriza a Equitação Psico-Educacional e a Equitação Desportiva/Recreativa Adaptada. Assim sendo, serve como preparação para pacientes que ainda não se encontram aptos a praticar a Equitação Psico-Educacional em grupo ou a ginástica de volteio (Spink, 2000).

2.2.3. O modelo Brasileiro.

A 10 de Maio de 1988, os brasileiros realizaram a primeira viagem de estudo à Europa com o objectivo de aprofundar o conhecimento sobre a Equitação Terapêutica e as diferentes formas de organização desta actividade, que os franceses já tinham denominado por *Equotherapie* ou *Equitation Therapeutique* ou ainda por *Therapie Avec le Cheval*.

Foi desta corrente que teve origem a perspectiva italiana¹⁰ que sistematizou o tema (designado neste país por *Terapia Por Meio do Cavalo* ou também *Reeducação Equestre*) nos quatro momentos fundamentais, que passamos a expor, e que influenciou de forma determinante a actual concepção brasileira de *Equoterapia* (Cirillo, 2002; ANDE-BRASIL, 2006):

- a) **Hipoterapia** – cavalo como instrumento cinesioterapêutico, isto é, dotado de ritmo, oscilação e corpo. É um programa, essencialmente, da área da reabilitação, voltado para as pessoas portadoras de deficiência física e/ou mental. Neste caso, o praticante não tem condições físicas e/ou mentais para se manter sozinho a cavalo. Portanto, não pratica equitação e a ênfase das acções é dos profissionais da área de saúde.
- b) **Educação/reeducação** – cavalo como instrumento pedagógico. Este programa pode ser aplicado tanto, na área reabilitativa como na educativa. Utiliza-se a arte equestre em pacientes com um mínimo de autonomia. O seu objectivo é trabalhar a capacidade para conduzir o cavalo.
- c) **Pré-desportivo** – cavalo como promotor da realidade social. Também pode ser aplicado nas áreas reabilitativa ou educativa. Actividade na qual os praticantes trabalham em

grupo, com o objectivo de organizarem o espaço e o tempo e prepararem-se para a sua inserção na sociedade. Aqui são ensinados os restantes andamentos como o trote e o galope. O praticante tem boas condições para conduzir o cavalo, ainda que de forma limitada. A acção do profissional de equitação é mais preponderante, necessitando, contudo, da orientação dos profissionais das áreas da saúde e da educação.

- d) **Desportivo** – cavalo como promotor da inserção social. Também, aplicado nas áreas da reabilitação e da educação. O praticante deve ter boas condições para estar a cavalo, já podendo participar em competições hípcas. A acção do profissional de equitação é ainda mais preponderante do que na modalidade supra referida, necessitando, mesmo assim, da orientação dos profissionais das áreas de saúde e da educação. Este programa visa não só a inserção social, mas também o prazer pelo desporto/competição – em diferentes modalidades como o Hipismo Adaptado; as Para-Olimpíadas e as Olimpíadas Especiais –, a melhoria do bem-estar e da qualidade de vida.

3. CONCLUSÃO

No decurso deste trabalho, pretendemos aproximar-nos de uma posição epistemológica que, ao valorizar a dúvida, a interrogação, a investigação e o conhecimento, promovesse um diálogo interactivo com as diferentes leituras, com os diferentes modelos, independentemente da autoridade intelectual ou profissional dos diferentes autores.

Assentes nestes pressupostos, tentámos reunir, de uma forma que nos pareceu coerente, um conjunto de informação que permitisse dar a conhecer a nossa verdade sobre o *estado da arte*. A nossa verdade, no sentido em que reflecte o nosso esforço de clareza. Tal como Popper sublinha a respeito da procura da verdade e da verosimilitude “(...) não estamos simplesmente procurando a verdade, estamos procurando uma verdade interessante e esclarecedora, (...)” (1975, p. 60). Foi essa que procurámos.

O facto de nos dedicarmos a uma área *cientificamente recente* confrontou-nos com informações diversas, por vezes contraditórias, nomeadamente de ordem literária, conceptual, científica e profissional,

¹⁰ Associazione Nazionale di Riabilitazione Equestre (ANIRE).

comprovando uma dinâmica internacional, actualmente em franco desenvolvimento e maturação, mas que obrigou a um escrutínio subjectivo de uma realidade, por vezes, ainda difícil de organizar.

Definimos as últimas três ou quatro décadas como um período re-evolucionário decisivo para uma mudança de paradigma que já se vinha a desenhar desde o princípio do século XX. O êxito que as ciências positivas foram assumindo no decorrer do século anterior, acabou por contaminar, também, a área da Equitação dita “terapêutica”, relegando para segundo plano as abordagens filosóficas e metafísicas, e reclamando simultaneamente o re-estabelecimento de uma nova mentalidade, desta feita, científica, rigorosa.

Este compromisso, prontamente assumido, conduziu a uma atitude de procura obstinada pela *prova* da sua cientificidade, pela confirmação de uma convicção generalizada e inquestionável de que: *a equitação é, como sempre foi, terapêutica*. Esta posição dogmática limitou, durante muitos anos, o desenvolvimento do conhecimento empírico, nesta matéria, e apenas serviu para deixar transparecer a insegurança própria de uma incredulidade negada, de uma profissão de fé que afasta a dúvida (enquanto fonte de conhecimento), a possibilidade de indagar a realidade e impede o Homem de perceber o mundo que o rodeia. Deste modo, condicionou o desenvolvimento de um espírito científico, que integra a capacidade de errar (Bachelard, 1984; Popper, 1972) e que alimenta uma procura incessante por uma verdade que não é absoluta mas apenas provável. Felizmente, a tendência dos últimos tempos tem-se revelado bastante diferente. A maioria dos técnicos tem insistido, cada vez mais, na rigorosa observação dos factos e no exercício da capacidade crítica que deles devemos ter, contribuindo para credibilizar o conhecimento daí resultante. No entanto, a atitude doutrinal, supra referida, instituiu algumas das fragilidades que a Equitação Terapêutica, dos dias de hoje, tem vindo, empenhada mas vagarosamente, a tentar superar.

Em primeiro lugar, referimo-nos a uma evidente falta de unanimidade conceptual, entre os vários trabalhos empíricos divulgados. Apesar de descritas, sistematizadas e oficialmente aceites no Congresso Internacional de 1982, as diferentes disciplinas que compõem a Equitação Terapêutica, segundo o modelo alemão – a Hipoterapia, a Equitação Psico-educacional e a Equitação Desportiva Adaptada –, não constituem um modelo único consensual. Muitas

são as intervenções que têm proliferado a partir deste e de outros modelos. Mas a problemática surge quando, em diferentes trabalhos, estas são nomeadas de uma forma descaracterizada ou arbitrária, fruto das diferentes concepções que cada autor ou organização nacional¹¹ detém, dificultando assim tanto a compreensão do leitor como a reprodução da própria experiência. Desta situação decorre a fragilidade do seu estatuto científico, da sua capacidade em testar a teoria, em demonstrar a falsificabilidade (Popper, 1972) das hipóteses enunciadas e, consequentemente, em procurar aferir novas alternativas conjecturais que se aproximem, cada vez mais, da realidade que pretendemos conhecer. É precisamente, no critério da irrefutabilidade das hipóteses que assenta o *pensamento pseudo-científico* – passível de “encontrar acidentalmente a verdade” (Popper, 1972, p. 63) – que esta área terapêutica tem vindo a ultrapassar.

Alguns destes estudos pecam ainda por dificilmente assumirem, com clareza, em que paradigma¹² científico se situam. As abordagens ecléticas (que não aderem estritamente a um único método ou orientação teórica, seleccionando as diferentes técnicas que sentem como mais apropriadas), por exemplo, se, do ponto de vista clínico, podem redundar em óptimas alternativas terapêuticas, do ponto de vista científico acrescentam muitas dificuldades protocolares, pela versatilidade da sua posição epistemológica. A variável independente, enquanto tratamento aplicado a uma determinada população, torna-se dificilmente perceptível, ainda para mais quando não são descritas as técnicas ou os procedimentos terapêuticos utilizados.

Em segundo lugar, destacamos as evidentes limitações metodológicas, principalmente quando nos centramos em intervenções de foro psicológico

¹¹ De acordo com a FRDI (2006): Alemanha – D.K.Th.R. (Deutsches Kuratorium für Therapeutisches Reiten); Brasil – ANDE BRASIL (Associação Nacional de Equoterapia); Canadá – CanTRA (Canadian Therapeutic Riding Association); Estados Unidos da América – NARHA (North American Riding for the Handicapped Association); França – HANDI-CHEVAL (Association Nationale Handi-Cheval); Inglaterra – RDA-UK (Riding for the Disabled Association – U.K.); Itália – A.N.I.R.E. (Associazione Nazionale Italiana di Riabilitazione Equestre); etc.

¹² Entendido enquanto “a inteira constelação de crenças, valores, técnicas, etc., partilhadas pelos membros duma certa comunidade científica” (Kuhn, cit. in Marques, 1978).

e/ou psicoterapêutico, que tornam qualquer comparação, entre os diversos estudos, difícil ou pouco fiável. A ausência de grupo de controlo é frequente, as amostras são pequenas e a generalização dos resultados obtidos torna-se inviável. Perceber as mais-valias das próprias terapias é, por vezes, difícil, designadamente, saber se resultam ou o que é que nelas resulta melhor, relativamente a aspectos como: o tempo da sessão; a frequência das sessões; o tipo de cavalo mais adequado; o tipo de trabalho mais adequado ao cavalo e à patologia em causa; o(s) tipo(s) de patologia(s) que mais beneficiam; o tipo de programa delineado; a orientação teórica do técnico, etc.

No âmbito da Hipoterapia e também da Equitação Desportiva Adaptada, a maioria dos estudos, apresentam actualmente uma maior coerência conseguida através de um menor número de problemas metodológicos e do controlo de mais variáveis, situação que tem incrementado a consolidação das suas identidades terapêuticas.

Comparativamente, a EPE detém um estatuto menos consistente. Ao surgir, inicialmente, como uma forma de psicoterapia fenomenológico-existencial que tem ganho relevo na última década – principalmente através das psicoterapias de inspiração psicanalítica e humanista – devemos reconhecer que estudar os seus efeitos é, por si só, uma tarefa complexa, principalmente quando tencionamos saber se um paciente foi de facto ajudado por esta intervenção.

Em terceiro lugar, também nos parece pertinente distinguir a dificuldade observada na divulgação internacional destes trabalhos, como um *handicap* para a promoção do progresso científico nesta matéria. O *Scientific & Educational Journal of Therapeutic Riding*, editado anualmente pela FRDI, e as actas dos congressos realizados de três em três anos, são as principais publicações internacionais a difundir esta informação, pelos 46 países actualmente membros (FRDI, 2006).

Adicionalmente, a maioria das diversas organizações nacionais não difundem internacionalmente as suas investigações e o acesso através da Internet é limitado, inclusivamente por questões de barreira linguística (sites em finlandês, húngaro, alemão, grego, japonês, hebraico, russo, entre outros.). Torna-se necessário reforçar a ideia de que esta resistência, relativamente à livre circulação de informação, só vem contribuir para prejudicar o progresso científico das diferentes modalidades que compõem esta área centrada na aplicação terapêutica do cavalo.

Por último, e à guisa de conclusão, gostaríamos de salientar que entendemos o robustecimento da FRDI, enquanto entidade internacional única, reguladora da Equitação Terapêutica, como fundamental para a resolução da conjuntura actual. O seu fortalecimento a diferentes níveis – sobretudo no que se refere à sua influência, ao seu poder, à sua autonomia, à sua disponibilidade para adquirir mais recursos humanos e financeiros, etc. –, poderá contribuir, universalmente, para o desenvolvimento e afirmação de um sentimento de coesão e de identidade profissional, promotor de um reconhecimento clínico e científico cada vez mais merecido. A precária uniformização existente ao nível das inúmeras organizações nacionais, espalhadas pelo mundo, é uma questão séria que condiciona enormemente a idoneidade das diversas intervenções médico-psicológicas ou educacionais e que requer, por parte da FRDI, algumas medidas prementes, nomeadamente:

- a elaboração e a regulamentação de programas de formação, treino e supervisão (que contemplem noções como a de formação contínua; de interdisciplinaridade; de supervisão de casos clínicos; de reuniões clínicas de discussão de casos; da necessidade em estimular o interesse científico das equipas e a apresentação de trabalhos em congressos e seminários, etc.) a serem divulgados e adoptados por todos os países membros;
- o apoio financeiro a projectos de investigação;
- a divulgação internacional de informação actualmente inacessível (por não estar publicada ou traduzida);
- a utilização da Internet – para fins clínicos e de investigação (discussão de casos; troca de experiências; recolha de dados, etc.) – através de aplicações (gratuitas) de conversação em tempo real (programas de mensagens instantâneas como o MSN Messenger, o Yahoo! Messenger, etc.; conferências a partir do Skype ou do Skypecast) ou em diferido (blogue; fórum de discussão; entre outras), conectadas a partir do *site* da FRDI.

Finalmente, depois de termos posto frente a frente a fé e a ciência e, tal como refere o filósofo austríaco, nunca é demais salientarmos que esta última necessita dos mitos, das crenças dogmáticas – mas como *matéria-prima* – para sobre elas se debruçar, numa atitude crítica, consciente, provocatória e construtiva, em relação aos erros que tenta sucessiva e cuida-

dosamente eliminar, em prol do conhecimento (Popper, 1972), neste caso, em prol da Equitação Terapêutica.

REFERÊNCIAS

- Adams, S. (2003). *From therapy to sport*. Retrieved June 26, 2004, from <http://www.lovasterapia.hu/text/doc/konferencia/adamscarriagedriving.doc>
- Andronicos, M., Chatzidakis, M., & Karageorghis, V. (1975). *The greek museums*. Atenas: Ekdotike Hellados.
- Antonella, A. (2006). Functional independence measurement and therapeutic compliance. Their role in the construction and evaluation of the rehabilitation program CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 306-311). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Arruda, K. (2006). Safeness in therapeutic riding: minimizing risks and providing better and intensive contact between people and horse CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 160-169). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL (2004). *Breve histórico da Equoterapia*. Retrieved June 11, 2004, from http://www.equoterapia.org.br/programa_basico.php
- Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL (2006). *Programas Básicos de Equoterapia*. Retrieved October 25, 2006, from http://www.equoterapia.org.br/programa_basico.php
- Auriol-Jollinier, M. (2000). The independent knowledge of disabled riders and the pedagogy of metis as used by their instructors. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 39-42). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Bachelard, G. (1984). *A filosofia do não* (3.ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Baker, E. (2000). Backriding technique in therapy. In B. Engel (Ed.), *Therapeutic riding II: Strategies for rehabilitation* (pp. 213-220). Durango: Omnipress.
- Barrey, J. (2000). What can therapeutic riding offer, when carried out on foot/on horseback? In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 71-80). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Bougard, M., & Roblin, M. (2003). *Re-education of the postural stability of the trunk with equestrian therapy – Evaluation of the efficacy of the technique for improving the postural tonus using an analytical platform*. Retrieved June 26, 2004, from <http://www.lovasterapia.hu/text/doc/konferencia/bougard.doc>
- Boon-Thiel, U. (2000). The horse as equine intermediary during the healing process in PMTV. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 139-146). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Brasic, J. R. (1998). Pets and health. *Psychological Reports*, 83, 1011-1024.
- Brown, H. (1997). Post-therapy follow up of the effects on autism of Equine-based therapy. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 49-50). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Brown, H. (2000). Hippotherapy and autism. In B. Engel (Ed.), *Therapeutic riding II: Strategies for rehabilitation* (pp. 273-276). Durango: Omnipress.
- Brown, O., Tebay, J., & Klüwer, C. (1994). Certification of professionals in Therapeutic Riding: An international perspective. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 130-132). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Bueno, M., Guimarães, R., Carmo, M., Guimarães, M., Bueno, P., & Peckolt, G. (2006). Special equestrian therapy (with games) for the elder. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (p. 61). Programme & Abstracts of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.

- Calba, M. (2000). Therapeutic riding and the treatment of alcoholism. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 221-223). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Carvalho Teixeira, J. A. (1999). Questões existenciais em reabilitação: Algumas reflexões. In A. Sequeira, C. Teixeira, J. Ornelas, M. Silveira, & J. Amaro (Eds.), *Actas da 1.ª Conferência "Reabilitação e Comunidade"* (pp. 117-126). Lisboa: ISPA.
- Cirillo, L. (2002). *Curso Básico de Equoterapia*. Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL.
- Citterio, D. (1997). Autism and horses: Intervention strategy from the point of view of a science of movement. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 211-212). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Copeland-Fitzpatrick, J., & Tebay, J. M. (1998). Hippotherapy and therapeutic riding: An international review. In C. Wilson, & D. Turner (Eds.), *Companion animals in human health* (pp. 41-58). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Cudo, C. (2006). Equotherapy as an effective motivational factor on the improvement of life's quality of people with special needs. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (p. 76). Programme & Abstracts of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Darques, D. (1994). From gestural language to written language. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 207-216). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Darques, D., & Baily, L. (1997). The emergence of the communication in the therapy with the horse. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 153-155). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Darques, D. (2000). Study of dynamic processes on the interactions in therapeutic riding. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 147-151). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Debuse, D. (2003). *An exploration of German and UK physiotherapists' views of the effects of Hippotherapy on patients with cerebral palsy and the measurement of these effects*. Retrieved June 26, 2004, from <http://www.lovasterapia.hu/text/doc/konferencia/ddebuse.doc>
- Deutsches Kuratorium für Therapeutisches Reiten – D.K.Th.R. (2004). *Das Kuratorium*. Retrieved June 11, 2004, from <http://www.dkthr.de/Dkthr/dkthr.html>
- Deutsches Kuratorium für Therapeutisches Reiten – D.K.Th.R. (2004). *Heilpädagogisches reiten und voltigieren*. Retrieved June 11, 2004, from <http://www.dkthr.de/Info/heilpaedagogik.html>
- Deutsches Kuratorium für Therapeutisches Reiten – D.K.Th.R. (2004). *Therapeutisches reiten in psychiatrie und psychotherapie*. Retrieved June 11, 2004, from <http://www.dkthr.de/Info/psychiatrie.html>
- Deutsches Kuratorium für Therapeutisches Reiten – D.K.Th.R. (2004). *Zur geschichte des DKThR*. Retrieved June 11, 2004, from <http://www.dkthr.de/Dkthr/geschichte.html>
- Dixon-Clegg, J., & Nelson, Y. (1994). The utilisation of horse motivation: Balance or balance? A case for preventative riding therapy. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 22-25). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Elpers, J. R. (1995). Community psychiatry. In H. Kaplan & B. Sadock (Eds.), *Comprehensive textbook of psychiatry* (6th ed., vol. 2, pp. 2663-2676). Baltimore: Williams & Wilkins.
- Engel, B. (2000). Definition of terms in hippotherapy, therapeutic riding, and Dressage. In B. Engel (Ed.), *Therapeutic riding II: Strategies for rehabilitation* (pp. 43-50). Durango: Omnipress.
- Englisch, B. (1994). From fear develops joy: The development of an autistic child over the period of three years. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 198-201). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Erik, S. (2002). *Developmental riding therapy*. Retrieved June 7, 2004, from http://www.ups.edu/faculty/stone/courses/OT606/papers/Schott_Hippotherapy.htm

- Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes (2006). *Descrição dos desportos*. Retrieved Outubro 12, 2006, from http://www.fpdd.org/Default.aspx?_Locale=pt&sec=14&secgrp=3
- Federation of Riding for the Disabled International (2001). *Benefits of therapeutic riding*. Retrieved March 22, 2001, from <http://www.frdi.net/benefits.htm>
- Federation of Riding for the Disabled International (2001). *Coming events 2001*. Retrieved March 22, 2001, from <http://www.frdi.net/letter.htm>
- Federation of Riding for the Disabled International – FRDI (2006). *FRDI History*. Retrieved October 11, 2006, from <http://www.frdi.net/history.htm>
- Federation of Riding for the Disabled International – FRDI (2006). *Full membership countries and details*. Retrieved October 11, 2006, from <http://www.frdi.net/members.htm>
- Fitzpatrick, J. (1994). The role of riding therapy in the treatment of spastic cerebral palsy following selective posterior rhizotomy. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 5-6). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Freire, H. B. (1999). *Equoterapia: Teoria e técnica, uma experiência com crianças autistas*. São Paulo: Vetor Editora.
- Freire, H. B. (2000). Equine therapy as a therapeutic recourse in the treatment of autistic children. *Scientific and Educational Journal of Therapeutic Riding*, 18, 77-82.
- Futó, G. (2003). *The significance of hippotherapy in early development*. Retrieved June 26, 2004, from http://www.lovasterapia.hu/text/doc/konferencia/fut_g.doc
- Garnier, P. (2000). Horse woman? In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 43-45). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Garrigue, R., Moutiez, G., & Galland, H. (1994). The use of games on horses to improve communication with autistic subjects. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 245-248). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Gehrke, M., Kaune, W., & Ubat, H. (1994). Observation of the development in mentally handicapped students as a result of therapeutic vaulting and riding. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 203-206). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Gonçalves, V., Lima, I., & Cavalcanti, M. (2006). Riding therapy: what the pre-sporting phase can do to help the Down syndrome patient CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 258-263). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Haddock, V. (1997). Freedom. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 167-171). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Hanusovka, D. (2003). *The complex influence of hippotherapy on the mobility stereotype*. Retrieved June 26, 2004, from <http://www.lovasterapia.hu/text/doc/konferencia/hanusovka.doc>
- Hartel, L. (1989). Epilogue. In W. Heipertz, C. Heipertz-Hengst, A. Kröger, & W. Kuprian (Eds.), *Therapeutic riding: Medicine, education, sports* (pp. 178-182). Ottawa: National Printers Inc.
- Hauser, G. (1997). The horse – important for every child – vaulting as means for integrational education. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 180-185). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Hauser, G. (2000). Humanistic approaches in the field of therapeutic riding. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 49-51). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Hauser, G. (2003). Systemic counseling with the aid of the horse. *Scientific & Educational Journal of Therapeutic Riding*, 9, 9-16.
- Haydon, S. (1997). Competition without and within: A first hand account. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 51-52). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Heine, B. (2000). When is therapeutic riding hippotherapy?. In B. Engel (Ed.), *Therapeutic riding II: Strategies for rehabilitation* (pp. 5-10). Durango: Omnipress.

- Heine, B., & Schulz, M. (2006). Emphasizing the importance of the therapy horse in equine assisted therapy curricula. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (p. 94). Programme & Abstracts of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Heipertz, W. (1989). Riding as a sport for the handicapped. In W. Heipertz, C. Heipertz-Hengst, A. Kröger, & W. Kuprian (Eds.), *Therapeutic riding: Medicine, education, sports* (pp. 67-89). Ottawa: National Printers Inc.
- Hesse, U. (2006). Therapeutical riding and its benefits on psychopathology CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 286-292). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Isoni, T. (2000). Equine therapy: A psycho-pedagogical proposition. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 297-302). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Jacquelin, I. (2000). Therapeutic riding with sexually abused children. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 224-225). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Johnston, K. (1994). Use of music in a riding programme. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 19-21). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Karol, J. M. (2000). A psychotherapeutic riding program: An existential theater for healing. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences & Engineering*, 60, (11-B), 5776.
- Klüwer, C. (1994). Some considerations regarding the development of the Federation Riding for the Disabled International. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 165-167). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Klüwer, C. (2001). The federation of riding for the disabled international. In B. Engel (Ed.), *Therapeutic riding I: Strategies for instruction – Book I* (pp. 15-17). Durango: Omnipress.
- Koch, S. (1994). Therapeutic riding with (secondary neurotic) children suffering from dyslexia. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 188-190). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Kröger, A. (1989). Vaulting as an educational aid in schools for behaviorally disturbed children. In W. Heipertz, C. Heipertz-Hengst, A. Kröger, & W. Kuprian (Eds.), *Therapeutic riding: Medicine, education, sports* (pp. 40-54). Ottawa: National Printers Inc.
- Kröger, A. (2000). Psychological treatment with the horse using vaulting lessons as “remedial-education”. In B. Engel (Ed.), *Therapeutic riding II: Strategies for rehabilitation* (pp. 449-458). Durango: Omnipress.
- Kuprian, W. (1989). Hippotherapy and riding therapy as physiotherapeutic treatment methods. In W. Heipertz, C. Heipertz-Hengst, A. Kröger, & W. Kuprian (Eds.), *Therapeutic riding: Medicine, education, sports* (pp. 14-39). Ottawa: National Printers Inc.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1998). *Vocabulaire de la psychanalyse* (2.^a ed.). Paris: PUF.
- Lauhirat, A. (2006). Atividade Psicomotora Equestre CD-ROM, textos completos. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 329-333). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Leandrin, A. (2006). Gestalt therapy and riding therapy: A friendly relationship CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 427-428). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Leitão, L. G. (2003a). Contratransferência: Uma revisão na literatura do conceito. *Análise Psicológica*, 21, 175-183.
- Leitão, L. G. (2003b). Psycho-educational riding (PER) and autism: An exploratory study. *Scientific & Educational Journal of Therapeutic Riding*, 9, 33-64.
- Leitão, L. G. (2004). Relações terapêuticas: Um estudo exploratório sobre Equitação Psico-Educacional (EPE) e autismo. *Análise Psicológica*, 22, 27-46.
- Liberman, R. P., Vaccaro, J. V., & Corrigan, P. W. (1995). Psychiatric Rehabilitation. In H. Kaplan & B. Sadock (Eds.), *Comprehensive textbook of psychiatry* (6th ed., vol. 2, pp. 2696-2718). Baltimore: Williams & Wilkins.

- Lieshout, W. (2006). Equine assisted psychoanalytic psychotherapy. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (p. 61). Programme & Abstracts of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Longden, M. (1994). More than just riding skills. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 108-110). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Longden, M. (1997). Coaching elite riders: Catching the winds of progress. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 52-56). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Macauley, B. (2006a). A model program between the University of Tulsa and Rogers State University to offer hippotherapy clinical practicum in speech-language pathology. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (p. 119). Programme & Abstracts of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Macauley, B. (2006b). Equine-assisted speech therapy session of 2 year old with autism Video. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (p. 128). Programme & Abstracts of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Manzolin, T. (2006). Hippotherapy helping the rehabilitation of motor-coordination, balance and plantar support of a hemiparetic patient caused by an after-effect of pineal germinoma CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 170-177). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Marques, A. (1978). O modelo racionalista de G. Bachelard. In Grupo de Investigação de Filosofia e Epistemologia (Eds.), *Filosofia e Epistemologia* (pp. 13-44). Lisboa: Regra do Jogo Edições.
- Mattila-Rautainen (2000). An experimental study of the effects of riding with chronic low back pain patients. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 262-265). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- McGibbon, N. (1994). More learning: The common denominator. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 94-96). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Mehlem, M. (1997). Riding for body and soul: An evaluation of aspects of equestrian psychotherapy. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 200-204). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Mehlem, M. (1998, September). *Therapeutic riding in psychotherapeutic work viewed from the perspective of bioenergetics/biodynamics*. Therapeutic riding in Germany – Selected contributions from the special brochures of the DKThR, 97-101.
- Melhem, M. (2000). Dare to be afraid. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 238-244). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Melhem, M. (2006). "Call of the wild" horse in psychotherapy CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 22-28). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Monnié, Y. (2000). The horse, support of a body-oriented psychotherapy. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 218-220). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.

- Morin, C., & Carrasco, R. (1994). Sensorimotor treatment in a therapeutic riding program. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 56-62). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Mota, C., & Hesse, U. (2006). Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem (PAEDA) CD-ROM, textos completos. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 60-69). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Neves, A. (2003). Aspects of the communicative profile of children with special needs referred for hippotherapy. *Scientific & Educational Journal of Therapeutic Riding*, 9, 17-27.
- Neves, A., & Garrigue, R. (2006). The importance of the speech-language therapist work with children with cerebral palsy in "Equoterapia" CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 434-435). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Onofri, M., & Roscio, A. (2006). From therapeutic to sport riding: a case double leg amputation Video. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (p. 127). Program & Abstracts of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Pires, A., & Silva, T. (1999) O papel do psicólogo na reabilitação. In A. Sequeira, C. Teixeira, J. Ornelas, M. Silveira, & J. Amaro (Eds.), *Actas da 1.ª Conferência "Reabilitação e Comunidade"* (pp. 139-144). Lisboa: ISPA.
- Popper, K. (1972). *Conjecturas e Refutações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Popper, K. (1975). *Conhecimento objetivo*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada.
- Preat, G., & Jaroszewicz, R. (1994). In what way can the relationship of the horse with the person help the speech therapist to cure problems in verbal communication? In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 151-160). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Preat, G., & Meurisse, I. (1997). From non verbal communication to verbal communication through the therapy with the horse. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 156-166). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Prins, M. (2000). Animality: Which stakes in therapy? In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 59-63). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Quinet, I. (2000). Possibilities and limits of therapeutic riding with motor handicaps. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 245-247). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Rapenne, M., & Toniolo, A. (2006). Interactions between the therapist and the pony as therapeutic tool. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (p. 93). Programme & Abstracts of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Rector, B. (1994). Equine experiential process work. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 100-104). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Ribeiro, A. (2003). *Psychoanalytical oriented psychotherapy in riding therapy*. Retrieved June 26, 2004, from http://www.lovasterapia.hu/text/doc/konferencia/mauri_solon_ribeiro_oral_presentation.doc
- Riveros, F. (2006). Supra-paradigmatic integrative model. The gathering point of psychology in the riding therapy CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 29-34). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.

- Robert, N. (2000). Therapeutic Riding as a special form of therapeutic physical training. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 247-249). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Rocha, C. (2006). A postura montada com membros inferiores cruzados facilitando a organização na espasticidade CD-ROM, textos completos. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 314-320). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (Eds) (2000). *Dicionário de psicanálise*. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- Rowe, K. (2000). You can count on a horse. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 282-284). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Ruiz, J. (2006). Pre sports riding therapy – A horse and a friend CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 40-47). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Santos, A. P. (1999). *O meu amigo é um cavalo: Os benefícios da hipoterapia para os autistas* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: ISPA.
- Santos, R., Cyrillo, F., Sakakura, M., Perdígão, A., & Torriani, C. (2006). The influence of riding posture and horse's gait speed at lumbar erectors muscle activation through surface electromyography CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 54-60). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Scheidhacker, M. (1994). No pretension to being cured – but softening of symptoms and improvement of the quality of life. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 97-99). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Scheidhacker, M., & Fisher, E. (1997). The dynamic of a special three-way relationship: patient-horse-therapist in psychotherapeutic horse-riding. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 28-36). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Scheidhacker, M. (2000). Group psychotherapy with horse. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 211-213). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.
- Schulz, M. (1997). Socializing influence of remedial educational vaulting (REV) on children with autistic attitudes (Asperger-syndrom). In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 65-73). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Schulz, M. (1998, September). Remedial and psychomotor aspects of the human movement and its development – a theoretical approach to developmental riding. *Therapeutic riding in Germany – Selected contributions from the special brochures of the DKThR*, 55-60.
- Schulz, M. (1994a). Psychomotor aspects of movement and developmental riding – evaluated on a case study of an autistic child. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 105-107). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Schulz, M. (1994b). Tight-rope walking and poetry: about a five year circus project for children and horses in a juvenile education center. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 127-129). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Sevestre, J., & Rosier, N. (1983). *Le cheval*. Paris: Larousse.
- Shpitsberg, I. (2000). Therapeutic riding: New possibilities of body-oriented psychotherapies. In The Fédération Nationale Handi Cheval in collaboration with the Federation of Riding for the disabled International (Eds.), *It's the horse that makes the difference* (pp. 214-217). Proceedings of the 10th International Therapeutic Riding Congress, Angers – Saumur, France, April 26-29, 2000. France: Fédération Nationale Handi Cheval.

- Smith, G., Schwebel, A., Dunn, R., & McIver, S. (1993). The role of psychologists in the treatment, management, and prevention of chronic mental illness. *American Psychologist*, 48, 966-971.
- Spink, J. (2000). Developmental riding therapy: History and evolution. In B. Engel (Ed.), *Therapeutic riding II: Strategies for rehabilitation* (pp. 472-486). Durango: Omnipress.
- Strausfeld, P. (1997). Therapeutic riding in a clinic for drug-addicted women. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 174-179). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Strausfeld, P. (1998, September). Therapeutic riding and intervention with the family. *Therapeutic riding in Germany – Selected contributions from the special brochures of the DKThR*, 102-106.
- Tessio, C., & Juguin, J. (2003). Therapeutic horseback riding: An example of use for an adolescent girl with head injury. *Scientific & Educational Journal of Therapeutic Riding*, 9, 28-32.
- Thiel, U. (2006). "Repairing" the personality or giving aids for daily life. PMTV psycho-motor-therapeutic and remedial vaulting CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 78-90). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Tillberg, P. (2003). *Therapeutic riding from a neuropsychological point of view for patients with brain-disorders*. Retrieved June 26, 2004, from <http://www.lovasterapia.hu/text/doc/konferencia/tillberg.doc>
- Toniolo, A., & Rapenne, M. (2006). Observation and follow-up of epileptic child and pony activity for therapeutic aiming. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (p. 93). Programme & Abstracts of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Tyler, J. (1994). Equine psychotherapy: Worth more than just a horse laugh. *Women & Therapy*, 15, 139-146.
- Vermeer, A. (1985). The integration of movement oriented fields of practice in child rehabilitation. *International Journal of Rehabilitation Research*, 9, 458-463.
- Walter, G. (2006). The search for better quality of life for persons with neuroses and psychoses CD-ROM, complete texts. In ANDE-BRASIL in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Contact Between Friends* (pp. 48-53). Proceedings of the 12th International Therapeutic Riding Congress, Brasília, Brasil, August 9-12, 2006. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL.
- Watts, L. (1994). The design and evaluation of a therapeutic riding program. In P. Eaton, K. Gibbons, & H. Crispin-Morrall (Eds.), *8th International Therapeutic Riding Congress: The Complete Papers* (pp. 29-55). Proceedings of the 8th International Therapeutic Riding Congress, Hamilton, New Zealand, January 17-20, 1994. Levin: National Training Resource Centre, Desktop Publishing Services.
- Webb, O., Deans, E., Jeffries, K., & Surgenor, L. (1997). Riding for the disabled: Effects on verbal and sensorimotor behaviours. In The North American Riding for the Handicapped Association (NARHA) in collaboration with the Federation of Riding for the Disabled International (Eds.), *Riding the Winds of Progress* (pp. 39-45). Proceedings of the 9th International Therapeutic Riding Congress, Denver, Colorado, USA, July 14-19, 1997. Denver: North American Riding for the Handicapped Association.
- Wecker-Gutmann, W. (1998, September). Perception exercises from Gestalt Therapy as used in Therapeutic Riding. *Therapeutic riding in Germany – Selected contributions from the special brochures of the DKThR*, 90-96.
- Weith, M. (2003). *The horse promotes the institutional psychotherapy*. Retrieved June 26, 2004, from <http://www.lovasterapia.hu/text/doc/konferencia/mweith.doc>
- Wiger, N. (2003). Can a short course in adapted vaulting have a positive effect on physically and mentally challenged children? *Scientific & Educational Journal of Therapeutic Riding*, 9, 1-8.
- Zêzere, P. (2003). Códigos e mensagens em reabilitação e inserção social: A criatividade é uma atitude. In Arménio B. Sequeira (Ed.), *Actas do 1.º encontro da licenciatura em "Reabilitação e Inserção Social": Globalização, solidariedade e inserção social*. Lisboa: ISPA.

RESUMO

Propusemo-nos estudar o tema da Equitação Terapêutica, numa óptica longitudinal. O relato da nossa perspectiva histórica, com particular incidência na Idade Contemporânea, permite compreender a situação presente. Assim, destacamos alguns factores originários de uma cumplidade histórica vivida entre o Homem e o cavalo, desde o período Pré-histórico até à actualidade. No século XX, distinguimos alguns momentos que contribuíram de forma decisiva para a moderna conceptualização da

equitação terapêutica: o sucesso de Liz Hartel nos Jogos Olímpicos de 1952 e 1956; o surgimento do Modelo Alemão; e os congressos internacionais.

A necessidade de credibilidade empírica dirigida à aplicação terapêutica do cavalo, e da sua divulgação, é posta em destaque assim como a sistematização desta área, principalmente centrada em torno de um modelo médico. A psicologia, sobretudo cognitivo-comportamental, surge, inicialmente, através de abordagens ecléticas integradas na Hipoterapia. Posteriormente, na última década, a psicologia tem vindo a ocupar um lugar de crescente notoriedade através da Equitação Psicoterapêutica, nas diferentes abordagens teóricas (psicanálise, musicoterapia, teoria dos arquétipos de Jung, teorias sistêmicas, bioenergéticas, psicodrama, existencialista, etc.) que pode assumir.

A análise subjectiva a que nos propusemos teve o seu enfoque em quatro aspectos complementares: a discordância entre uma procura obcecada pela “prova” e o rigor científico; a dificuldade na diferenciação das disciplinas relativas à Equitação Terapêutica que limita tanto a capacidade para intervir como as conclusões que podemos retirar dos estudos efectuados; a dificuldade observada na divulgação internacional da maioria dos trabalhos; e, por último, a falta de soberania da FRDI enquanto entidade internacional, representante da Equitação Terapêutica, em 46 países.

Palavras-chave: Equitação terapêutica, medicina, reabilitação, psicoterapia, desporto.

ABSTRACT

Our main purpose was to study the theme of Therapeutic Riding, in a longitudinal viewpoint. The account

of our historical perspective, with particular incidence in the Contemporary Age, allows understanding the present situation. Thus, we emphasized some factors arising from an historical complicity lived between Man and horse, since the Prehistoric period up to the present time. In the 20th century, we distinguish some moments that contributed in a decisive way to the modern conceptualization of the therapeutic horseback riding: the success of Liz Hartel at the Olympic Games of 1952 and 1956; the sprouting of the German Model; and the international congresses.

The need of empirical credibility related to the therapeutic application of the horse, and of its disclosure, is concurrently highlighted as well as the systematization of this area mainly centered on a medical model. The psychology, especially cognitive-behavioral, initially arises through eclectic approaches integrated in Hippotherapy. Subsequently, in the last decade, psychology has coming to occupy a place of growing notoriety through the psychotherapeutic riding, in the different theoretical approaches (psychoanalysis, music therapy, theory of the archetypes of Jung, systemic theories, bioenergetics, psychodrama, existentialism, etc.) that can assume.

Our subjective analysis focused in four complementary aspects: the incongruity between an obsessed search for the “proof” and the scientific strictness; the difficulty to differentiate the Therapeutic Riding disciplines that limits so much the intervention’s capacity for intervene like the conclusions that we can withdraw from the studies already done; the observed difficulty in the international disclosure of the majority of the works; and at last, the lack of sovereignty from FRDI while international entity representative of the Therapeutic Riding in 46 countries.

Key words: Therapeutic riding, medicine, rehabilitation, psychotherapy, sports.